

# Conhecer e dar a conhecer as plantas e seus usos (América, Ásia e África, séculos XVI – XIX)

Ana Carolina de Carvalho Viotti<sup>1</sup>

carolina.viotti@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-3244-3514>

André Luís Lima Nogueira<sup>2</sup>

guazo08@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2160-4279>

Os movimentos europeus rumo a sul e a leste no século XVI reverberaram, entre outros muitos campos, no conhecimento, apropriação, uso, descrição e espalhamento de informações, elementos e práticas relacionadas ao mundo natural, até então desconhecido, no caso da América, ou pouco explorado, nos casos da África e da Ásia, sobretudo nas terras banhadas pelo Índico. Desse novo universo de cores, sabores e propriedades, os componentes da flora podem ser tomados como campo privilegiado para acompanhar e compreender tais processos, não somente num primeiro momento de contato com o novo ou o pouco conhecido, mas naqueles que se fizeram possíveis a partir dessa ampliação. Os registros de olhares e vozes sobre e para o mundo natural, em especial para o universo vegetal, fizeram-se plurais: viajantes, mercadores, religiosos, médicos, cirurgiões, administradores e também de naturalistas e botânicos, entre outros, legaram-nos anotações particularmente interessantes para pensarmos uma faceta da natureza, aquele relacionado à terra, às plantas, ao longo do tempo e em diferentes espaços, de forma particular ou comparativa.

A historiografia do século XXI tem como um de seus desafios redimensionar e requalificar o papel dos homens e mulheres nos processos históricos locais e globais e reavaliar de maneira profunda o providencialismo presente nas filosofias da história, dominantes até o século XX. As perspectivas do trânsito (Secord, 2004) e da circulação (Raj, 2013) permitem “ver a ciência como sendo coproduzida pelo encontro e pela interação entre

comunidades heterogêneas de especialistas de diversas origens”, e tem sido bem acolhidas na comunidade acadêmica. Nos últimos anos, especialmente, temos acompanhado a emergência de estudos que têm as plantas como tema de pesquisa, com destaque para a História das Ciências, da Saúde e da Medicina.

É comum, também, que os historiadores recorram a outras disciplinas, como a medicina, a etnobotânica, a antropologia, a ecologia, a economia, a geografia ou a epidemiologia, a fim de delimitar e analisar seus objetos de pesquisa. E não só: para além dos arcabouços de outras disciplinas, a mobilização de chaves de leitura, documentos e recortes diversos tem sido a tônica de investigações que inter cruzam as experiências com e da natureza com os seres humanos no tempo. Nesse sentido, o dossiê “*Conhecer e dar a conhecer as plantas e seus usos (América, Ásia e África, séculos XVI – XIX)*” procura contribuir com uma reflexão extremamente atual – e urgente –, que é repensar a ação humana no planeta, de modo a sopesar os processos históricos como fruto da interação com outros seres vivos e com o ambiente. Vejamos, brevemente, as contribuições que compõem esse volume.

Gisele Cristina da Conceição e Fabiano Bracht questionam, investigam e apresentam-nos as complexas conexões formais e não-formais pelas quais os elementos da flora espalhada pelas possessões imperiais lusas circularam. Lançando luz sobre trajetórias plurais, em que contextos sociais, geográficos, culturais, políticos e epistemológicos frutificam, os espaços coloniais entre os quais plantas e saberes – com destaque àqueles rela-

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista. Departamento de Ciências Políticas e Econômicas e Programa de Pós-graduação em História. Av. Hygino Muzzi Filho, 737, 17525-900, Marília/SP, Brasil.

<sup>2</sup> Centro Universitário Vale do Cricaré. R. Humberto de Almeida Franklin, 217 – 257, 29933-415, São Mateus/ES, Brasil.

cionados à medicina e à farmácia – foram colocados em movimento<sup>8</sup> são tomados como “regiões fronteiriças, de grande dinamismo e mutabilidade, regiões em disputa”. Os pesquisadores defendem que, “dentro destas redes, o conhecimento seria menos sobre um sistema unificado, e mais uma série de conjuntos que, entre outros, envolveria aspectos históricos relacionados com a identidade cultural dos seus produtores, os materiais e instrumentais a eles disponíveis, e com as práticas sociais, conjunturas políticas e dimensões cognitivas”. São os elementos que permitem desdobrar tal hipótese que o leitor é convidado a conhecer em *Os caminhos das plantas: redes informais e auto-organizadas de produção e circulação de conhecimento no Império português*.

Já em *La frutilla entre los lectores ingleses de la Histórica Relación del Reyno de Chile de Alonso de Ovalle: denominaciones, descripciones y traducciones en el siglo XVIII*, Virginia Iommi Echeverría propõe o escrutínio dos registros específicos sobre a descrição e difusão do morango chileno, especialmente interessado nas traduções setecentistas de textos escritos por europeus em séculos anteriores que buscavam sublinhar a singularidade da variedade americana do fruto. Aliás, apesar de nos referirmos aqui a, também uma tradução do termo, a autora ressalta a diferenciação entre a *frutilla* chilena e a *fresa* europeia que passaria a ser disseminada apenas com as impressões legadas por Amedée Frézier em 1716; antes, apesar de encontrarmos crônicas, tratados e textos de outras naturezas sobre o mundo natural visto, utilizado ou tido como impróprio nas Américas, há uma certa dubiedade de leituras sobre o fruto, transitando entre o conhecido e o distinto.

De um estudo dedicado a um elemento específico, Patrícia M. S. Merlo e Fernando S. C. Viana Junior chamam-nos a ampliar seu campo de interesse e escopo para a plural *Flora local, consumo e circulação na Corte fluminense de Debret, 1816–1831*. Guiados pela perspectiva do conhecido artista – e, como indicam os autores, “autointitulado pintor histórico” –, o artigo utiliza conceitos como circulação de conhecimentos, civilidade e distinção, e concentra-se na leitura de Debret sobre a realidade social local, especialmente no que diz respeito aos hábitos alimentares. Lemos ali que “a elite local, ligada à produção e ao consumo, a nobreza lusa, ligada à atualização dos padrões civilizados de alimentação e consumo, o escravismo estrutural que perpassava o cotidiano, deram a tônica nas trocas alimentares e nos rearranjos de consumo” desses ingredientes do mundo natural.

O dossiê conta, ainda, com a nota da pesquisa *A natureza americana por seus usos e percepções: Ciência e História em obras manuscritas e impressas de Botânica Médica e História Natural (América platina, século XVIII)*, desen-

volvida por Eliane Cristina Deckmann Fleck, em que outros agentes e outras balizas de entendimento do universo da flora são colocados em destaque. A pesquisadora reitera os laços, não antagônicos na modernidade, entre desenvolvimento científico e religião, nomeadamente os membros da Companhia de Jesus, e as relações estreitas entre esses dois grupos de força e agência com as populações locais e indígenas americanas. Fleck nos conduz por entre documentos médico-cirúrgicos produzidos por jesuítas no Setecentos, “a fim de destacar sua contribuição para a história da botânica e da medicina, por meio da identificação e descrição das virtudes medicinais da flora americana e de seu manejo pelos indígenas, bem como o papel desempenhado pelos saberes nativos nas sistematizações de conhecimentos médico-farmacêuticos e nos procedimentos terapêuticos”. Aprofundando a análise de receituários e tratados redigidos por esses religiosos, somos apresentados às interrogações, hipóteses e limites do trabalho com esse tipo de material, especialmente quando a natureza é considerada entre os tópicos que o compõe.

As proposições que compõem esse número são uma breve amostra dos temas, recortes, documentos e abordagens que se valem da reflexão sobre a flora como prisma analítico. Abarcando diferentes geografias e temporalidades, os artigos em tela demonstram e sublinham a relevância e potencial de aprofundamento dessa agenda de pesquisa que se mostra, cada vez mais, tão incontornável quanto urgente.

## Referências:

- BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo Ramada. (Org). 2010; *Expansão Marítima Portuguesa, 1400 – 1800*. Lisboa: Edições 70.
- CAÑIZARRES-ESGUERRA, Jorge. 2004. Iberian Science in the Renaissance: Ignored How Much Longer?. *Perspectives on Science*, vol. 12, n. 1: p. 86-124.
- GRUZINSKI, Serge. 2014. *As Quatro Partes do Mundo: História de uma Mundialização*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp, 576p.
- RAJ, Kapil. Beyond postcolonialism... and postpositivism: circulation and the global history of science. *Isis*, vol. 104, n. 2, junho 2013, p. 337–347. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/670951>. Acesso em: 12 de dezembro de 2023.
- SECORD, James A. Knowledge in Transit. *Isis*, v. 4, n. 95, 2004, p. 654-672.
- SUBRAHMANYAN, Sanjay. 1997. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, Special Issue: The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800. 31(3): 735-762.
- THURNER, M., & CAÑIZARES-ESGUERRA, J. (Eds.). 2023. *The Invention of Humboldt: On the Geopolitics of Knowledge*. Routledge. 342 p.

Submetido em: 15/12/2023

Aceito em: 16/12/2023